

*Freud, 1938, em frente ao hotel
Esplanade de Londres.*



O SONHO POSSÍVEL:

Freud pensa a Educação

Os primórdios da teoria psicanalítica

Freud iniciou sua vida clínica como médico neurologista. Sua clientela compunha-se então de pessoas atingidas em maior ou menor grau por aquilo que era chamado, na época, de doenças nervosas. Uma época — o final do século XIX — em que predominavam as explicações orgânicas e psiquiátricas para doenças como as psicoses, as esquizofrenias e a histeria. Os tratamentos: eletroterapia, banhos, massagens, hidroterapia, internação, hipnose — esta última aprendida por Freud num estágio que ele havia feito com Bernheim, em Nancy, França, no ano de 1885.

Os bons neurologistas e psiquiatras da época conheciam os limites do seu saber. Sabiam descrever, arrolar sintomas e classificar as doenças nervosas, mas pouco conheciam a respeito de suas causas.

Dentre as doenças nervosas, é a histeria a que chama particularmente a atenção de Freud. É grande o número de pacientes, quase sempre mulheres, que vêm buscar alívio de seus sintomas nas mãos do doutor Freud. Sintomas que variam dentro de um espectro que vai desde vômitos persistentes até alucinações visuais contínuas, passando por contrações, paralisias parciais, perturbações da visão, ataques nervosos e convulsões.

Todo esse desfile de sintomas foi encarado e avaliado por Freud de um modo peculiar, inteiramente dissonante do modo como eram tratados pela Medicina da época. Pois, se a um médico ocorreria pensar sobre as maneiras de eliminar um sintoma, a Freud ocorria sobretudo observar, analisar e encontrar suas origens.

Seu espírito de investigação e sua persistência, típicos, segundo ele próprio, de um conquistador, de um aventureiro, tornaram Freud capaz, por exemplo, de calar a boca quando uma histérica lhe disse "Fique quieto!" repetidas vezes no curso de um relato que ela lhe fazia sobre seus padecimentos. Essas palavras surgiam sem aparente conexão com o contexto da sessão, e qualquer outro médico as teria interpretado como uma espécie de rebeldia da paciente. Mas a curiosidade de Freud fê-lo perguntar-se sobre as razões que impulsionavam sua cliente, e aguardou até poder descobrir que era dessa maneira que a paciente expressava seu temor de ser interrompida. Ela receava que, com a interrupção, tudo ficasse mais confuso e pior do que já estava. As observações e reflexões em torno do que viu e, sobretudo, ouviu de suas pacientes histéricas foram reunidas nos *Estudos sobre a histeria*, de 1895 (em parceria com Breuer), e nas *Psiconeuroses de defesa*, de 1896.

Desses textos, o que importa, para nossos propósitos, é o seguinte:

- a tese de Freud e Breuer de que há um nexo causal entre um fato desencadeante (o trauma) e os sintomas, embora o paciente não se lembre dele, na maioria das vezes (razão pela qual se usava a hipnose);
- o fato de que o fator desencadeante teria sido reprimi-

do pela pessoa (hipótese mais de Freud do que de Breuer) e afastado da consciência, devido à natureza insuportável do trauma (por exemplo, a morte de uma pessoa querida);

- o fato de que a vida sexual se presta particularmente como conteúdo para a formação de tais traumas, pela posição diferenciada que ocupa em relação aos outros elementos da personalidade, e pela impossibilidade de se descarregar idéias de conteúdo sexual, por exemplo, através da fala.
- o fato de que o agente responsável pela expulsão da idéia insuportável para fora da consciência é o ego, — ou o eu, como se diz modernamente —, uma estrutura psíquica encarregada, entre outras coisas, de defender o aparelho psíquico de perturbações perigosas à sua integridade.

É em torno desse último ponto que passam a girar todos os desenvolvimentos teóricos de Freud nesses primeiros tempos da Psicanálise. A explicação primordial é a da defesa do eu contra uma idéia incompatível com ele. No caso da histeria, essa idéia incompatível é expulsa pelo eu e tornada inócua por sua transformação somática (por exemplo, uma paralisia no braço), sendo que a essa transformação Freud chama “conversão”. Mas essa explicação presta-se, igualmente, a outros quadros clínicos; o que varia em cada um é o destino dado à idéia incompatível: conversão, no caso da histeria; ligação da idéia a uma outra, inócua, no caso da neurose obsessiva, e assim por diante. Em todos, porém, está presente o fenômeno de divisão da consciência — diz-se que a idéia traumática é expulsa da consciência, mas se mantém registrada de algum modo no psiquismo “não-consciente” e, por isso, pode ser resgatada através do tratamento que Freud vinha criando.

Não se pense que está aí desenvolvida a idéia freudiana de inconsciente. Mas já se prepara, com essas idéias, seu advento.

Os exemplos desses mecanismos encontram-se generosamente relatados nos *Estudos sobre a histeria*. Vamos examinar alguns.

Lucy R. é uma governanta que trabalhava na casa de um empresário vienense, e que sofria de alucinações olfativas acompanhadas de depressão. O cheiro alucinado

A palavra alemã ich (eu) foi traduzida para o português como ego, forma latina do pronome eu. Atualmente, há uma tendência de se abandonar a forma ego e substituí-la simplesmente por eu, uma tradução mais próxima do texto de Freud, que utilizava termos de uso corrente para designar seus conceitos.

O conceito de inconsciente será abordado com maiores detalhes neste livro, no item “O sonho impossível”.

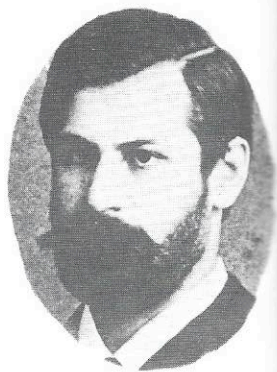
era o de um charuto. Através de um trabalho de investigação, que Freud comparava com o de um arqueólogo, ela foi desenterrando “camadas” — episódios traumáticos auxiliares —, até chegar ao momento traumático real. Tratava-se de uma cena ocorrida durante o jantar da família, quando foi severamente repreendida por seu patrão, ocasião em que ele fumava um charuto. Tal episódio constituiu-se em algo traumático porque a governanta apaixonara-se pelo patrão e se acreditava correspondida, fato que a cena desmentira.

Elizabeth von R. queixava-se de dores nas pernas e de dificuldades para andar. As causas de suas dores histéricas são encontradas numa situação de conflito: tomava conta do pai enfermo, e, uma noite, saía para uma reunião onde provavelmente encontraria uma pessoa por quem estava profundamente interessada. Isso efetivamente se deu, mas ao voltar para casa o estado do pai tinha-se agravado profundamente. O contraste entre a alegria de ter estado com a pessoa desejada e a piora do pai constituiu uma situação de incompatibilidade, um conflito. E Freud conclui: “O resultado disso foi que a idéia erótica foi reprimida... E a emoção ligada àquela idéia foi utilizada para intensificar uma dor física que se achava simultaneamente presente. Assim, tratava-se de um exemplo do mecanismo de conversão com finalidade de defesa...”

Ora, se as idéias incompatíveis são quase sempre de natureza sexual, e se são julgadas insuportáveis pelo eu, então o que há de insuportável na sexualidade? A pergunta freudiana irá conduzi-lo, em seguida, à Educação, interrogando-a sobre o seu papel na condenação da sexualidade.

Sexualidade e Educação

A resposta a essa interrogação é aparentemente óbvia. Ao que tudo indica, é a moral, transmitida pela Educação, que incute no indivíduo as noções de pecado e de vergonha que ele deve, necessariamente, ter diante das práticas sexuais. Freud chegou mesmo a pensar assim



Freud aos 30 anos.

◁ Sigmund FREUD, p. 115, ▷



Freud em 1891.

Profilaxia das neuroses — A profilaxia é uma medida que evita o aparecimento de uma doença. No caso das neuroses, Freud acreditou, a princípio, que elas podiam ser evitadas caso a sociedade de seu tempo se propusesse a ser menos coercitiva em relação às práticas sexuais.

nos primeiros anos de sua prática clínica. Antes de conceituar o **recalque**, acreditava que as neuroses ligadas a distúrbios da sexualidade resultavam de práticas sociais impingidas pela moral vitoriana de seu tempo, tais como a proibição de relações sexuais antes do casamento. No entanto, a noção de um recalque operado já num plano intrapsíquico (o eu como agente do recalque) fê-lo pensar, em 1896, de modo diferente.

Freud se dá conta de que há, no interior da própria sexualidade, um desprazer — e é este desprazer que dá força à moralidade, não o contrário. As forças morais não vêm de encontro às tendências do indivíduo — no sentido de que se chocam contra elas — mas vão ao encontro dessas tendências — no sentido de que trabalham junto a elas, em comunhão de interesses.

Essa é, certamente, uma idéia original, que merece um pouco mais de atenção. Convém, antes de tudo, entender melhor o que diz Freud: em todos nós, e não somente nos neuróticos — Freud ainda fazia, na época, uma distinção entre “neuróticos” e “normais” — é preciso acontecer um recalque. Uma vida sob o inteiro domínio dos impulsos — sob o domínio das pulsões, para usar o termo que a tradução brasileira consagrou e que se tornou familiar à literatura psicanalítica — seria impossível e até mesmo mortal. É em nome da própria sobrevivência individual e grupal que o eu opera o recalque da sexualidade. Esse recalque, descoberto, como se disse aqui, no trabalho clínico, pode gerar efeitos outros no caso dos pacientes das doenças mentais, mas não deixa de estar presente e ser necessário a todo aparelho psíquico “saudável”.

Na época em que Freud ligava, simplesmente, doença nervosa a moralidade — e, portanto, a educação — era simples propor uma profilaxia das neuroses por meio de um processo educativo. Bastaria recomendar uma redução da severidade imposta pelos educadores às crianças. Mas, a partir do momento em que Freud entende o rigor como algo necessário ao bom funcionamento psíquico, as coisas se complicam. Restava, de qualquer modo, propor que a educação não fizesse uso abusivo de sua autoridade. Porque, se a correção educativa passou a ser, no entender de Freud, necessária, nem por isso precisava ser excessiva. No excesso de recalque, Freud via um peri-

go, um desserviço, que, aí sim, podia responder por algo da natureza de uma neurose.

Há ainda um outro ponto desse pensamento de Freud que merece destaque: a idéia de um desprazer inerente à sexualidade, móvel da ação recalcadora do *eu*. Como entender que uma das fontes principais de prazer no ser humano possa ser, ao mesmo tempo, desprazerosa? Freud teve que elaborar ao longo de toda a sua obra esse paradoxo, que a experiência clínica pôs e põe a nu até hoje, diante dos olhos de qualquer analista, um paradoxo que se encontra no coração da teoria analítica. A princípio, Freud tenta responder a ele dizendo que teria havido um recalque primeiro, inicial, no momento em que o homem adotou a postura ereta. Nesse movimento ancestral, inaugural da humanidade, algo teria se deslocado para as zonas sexuais, assim como para a região anal. Esta modificação teria a função de impedir o retorno ao estado anterior quadrúpede. Esse recalque marcaria, portanto, tais zonas com essa interdição, associando a elas um desprazer originário.

Trata-se, sem dúvida, de uma especulação, mas ilustra o mal-estar de Freud diante da questão do desprazer, cuja resposta ele não hesita em ir buscar na aurora da humanidade. De todo modo, para o resgate das idéias de Freud sobre Educação, essa questão tem uma importância especial. Pois é aí, no ponto preciso em que um paradoxo sobre a condição humana faz um nó, que deverá ancorar-se a afirmação de Freud sobre a impossibilidade da Educação.

Sexualidade infantil e Educação

Após esses primeiros tempos, como já foi mencionado, Freud se dedicou ao estudo das histéricas e “fechou”, ainda que provisoriamente, um primeiro esquema teórico. O aspecto central dessa montagem era a teoria do conflito psíquico entre o *eu* e uma idéia incompatível com suas exigências. Dessa primeira conceituação resultou seu modo de entender a participação da Educação nesse conflito, que desempenha um papel de co-autora.

Freud, contudo, não parou aí. Prosseguem suas investigações, e novos conceitos vêm se agregar aos antigos, trazendo novas conseqüências para as questões da Educação.

Essas investigações levam-no à descoberta da sexualidade infantil.

A experiência com pacientes histéricas levou Freud a uma interrogação: por que razão a maioria de suas pacientes se referia a uma experiência de sedução atribuída a um adulto, que teria ocorrido em algum momento da infância da paciente? A princípio, podia-se pensar — e Freud pensou — que se tratava de experiências reais. Mas a quantidade e a intensidade das referidas experiências fizeram-no desconfiar de que se tratava, na verdade, de fantasias. Ora, se eram fantasias, então havia algo, na experiência infantil, responsável pela emergência de tais fantasias, alguma coisa, obviamente, de natureza sexual — afinal, são relatos de experiências de sedução. A tese de que a sexualidade humana só se constitui no decorrer da puberdade, ocasião em que o organismo se torna apto para procriar, devia, portanto, ser revista.

Dessa revisão, resulta um trabalho escrito por Freud em 1905: *Três ensaios para uma teoria sexual*. Um deles se chama justamente “A sexualidade infantil”. Ali, Freud trata de uma questão capital para a Educação, ao mostrar que o impulso sexual humano — a pulsão sexual — pode ser decomposta em pulsões parciais.

Entenda-se bem o que Freud quer dizer com sexual. Em seu pensamento, sexual não se confunde com genital. A sexualidade genital refere-se precisamente à cópula com o objetivo de procriar ou de obter prazer orgástico. Mas a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital. Inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sensuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe. A amamentação, nesse sentido, é entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que amamenta. Não se veja aí qualquer sinal de perversão no sentido usual do termo, e sim um exercício prazeroso que o contato corporal proporciona.

Pulsão é a palavra criada para traduzir Trieb, substantivo que corresponde ao verbo treiben ('impulsionar', 'impelir'). A melhor tradução para Trieb poderia ser impulso, já que Freud costumava usar palavras da linguagem coloquial. No entanto, a tradução de Trieb como pulsão, e não como impulso, acabou por ser consagrada na literatura psicanalítica brasileira. (Ver a esse respeito a nota 8 do tradutor Paulo Cesar Souza, em *A genealogia da moral, de F. Nietzsche, Brasiliense*.) O termo pulsão tem uma acepção precisa no texto de Freud, e não se confunde com o termo instinto. Como a palavra instinto tem um compromisso claro com

a Biologia, e descreve um processo programado ao nível do corpo, Freud optou pelo emprego do termo pulsão, definindo-o como um conceito-limite entre o somático e o psíquico.

Isso porque a origem, a fonte da pulsão, é somática (uma região do corpo); porém, ela é sobretudo psíquica ao apresentar-se ao indivíduo através dos representantes das pulsões, que são as imagens que chegam a ele para “informá-lo” do que se passa em seu corpo. Freud dedicará grande parte de sua obra ao estudo das pulsões e do jogo entre elas, pois acreditava ser esse o jogo determinante da própria constituição do psiquismo.

As pulsões parciais

A clínica psicopatológica coloca o médico em contato com os chamados desvios, perturbações, anormalidades — “Com o vaso de cristal quebrado”, como diz Freud. No entanto, uma observação acurada permite perceber, no formato especial de cada pedaço, a estrutura característica do cristal inteiro. Os pedaços se quebram obedecendo às linhas de força determinadas pela disposição singular, estrutural, das moléculas daquele vaso. Assim, Freud mostra, através dessa metáfora, que muito se pode saber sobre a estrutura psíquica, caso se estudem seus “desequilíbrios”, suas rupturas. Que rupturas Freud destacou para entender a sexualidade infantil? As perversões da sexualidade.

Freud descobre que, no decorrer da constituição sexual dos seres humanos, estão presentes práticas de natureza perversa, que sucumbirão mais tarde à repressão e terão que se submeter ao domínio das práticas genitais com vistas à procriação. Exibicionismos, curiosidade dirigida aos órgãos genitais de seus companheiros, manipulação de órgãos genitais, prazer de sucção, prazer ligado à defecação, entre outros, configuram práticas perversas anotadas por Freud. Para ele, todos esses aspectos deixarão suas marcas — há sucções e manipulações no coito “normal” —, que estarão submetidas, no entanto, ao fim imposto pela genitalidade, seja ele o prazer orgástico, seja ele a procriação.

As perversões adultas resultariam da permanência de uma dessas perversões parciais infantis, que teria, de certa forma, se “recusado” a cair sob o domínio da genitalidade. O *voyeur* adulto, por exemplo, estaria fixado na primitiva curiosidade infantil de contemplação de seu companheiro, com o agravante de não poder obter prazer de nenhuma outra maneira que não essa. O *voyeur* não consegue obter prazer pelas vias genitais. O homossexual, por outro lado, estaria fixado ao prazer anal e assim por diante.

A cada um desses aspectos perversos, presentes na sexualidade infantil, Freud chama de pulsões parciais: pulsão oral, no caso do prazer de sucção; anal, no caso da defecação; escópica, no caso do olhar.

Assim, Freud revela que a pulsão sexual, tal como a vemos em ação em um adulto, é na verdade composta daquelas pulsões parciais, cuja ação se observa nas preliminares de qualquer ato sexual. Antes do advento e do domínio do interesse genital, tais pulsões parciais são vividas livremente pela criança, cujo interesse pela questão genital — pela cópula propriamente dita — ainda não foi despertado.

Disto se deduz que essas pulsões parciais não têm ainda um objeto preciso ao qual se dirigir. Somente depois que estiverem reunidas para conformar a genitalidade é que a criança buscará um objeto sexual sobre o qual dirigir seu impulso. Antes disso, cada pulsão poderá se ligar, no máximo, ao prazer que possa vir a ser extraído do órgão a que estiver vinculado — olho, no caso da contemplação; genital próprio, no caso da masturbação; boca, no caso da sucção do polegar; ânus, no caso da defecação. Mas será uma pulsão dirigida ao próprio corpo, que não buscará um outro corpo, como acontecerá por ocasião do desenvolvimento da genitalidade.

São interessantes as conseqüências dessa idéia de ausência de objeto ligada às pulsões parciais. Ela faz pensar que a sexualidade humana, como um todo, não tem, de modo algum, a rigidez a ela atribuída. Pode, ao contrário, escapar facilmente do domínio genital, como demonstram as perversões.

As pulsões parciais possuem, e a sexualidade infantil testemunha, um caráter errático.

Dessa característica errática das pulsões, decorre uma constatação relevante, sobretudo para estabelecer relações entre os estudos de Freud e a Educação. Se a pulsão sexual não possui qualquer das fixações do instinto, se o objeto pelo qual se satisfaz lhe é indiferente (já que pode ser uma mulher ou uma peça de seu vestuário, no caso, por exemplo, do fetichista), se ele é intercambiável, se seu objetivo pode ser atingido pelas mais diversas vias, e é desviante por natureza, errática, portanto, de certo modo, a pulsão sexual é então capaz de enveredar por caminhos socialmente úteis.

Eis aí o ponto que interessa ao educador. Por seu caráter maleável, proveniente da ausência de objeto e de seu caráter decomponível, a pulsão sexual é passível de se dirigir a outros fins que não os propriamente sexuais: é

passível de sublimação. Para Freud, a Educação terá papel primordial no processo de sublimação.

A sublimação

Uma pulsão é dita sublimada quando deriva para um alvo não-sexual. Além disso, visa a objetos socialmente valorizados. Nesse movimento errático da pulsão em busca de um objeto, pode acontecer uma “dessexualização desse objeto”. A energia que empurra a pulsão continua a ser sexual (seu nome, já consagrado, é libido), mas o objeto não o é mais.

Infelizmente, Freud não teorizou mais longamente sobre os mecanismos que conduzem a uma “dessexualização” do objeto, nem sobre os motivos que levam o indivíduo a fazê-lo. De modo aproximado, Freud menciona em alguns textos a seguinte idéia: há uma espécie de excesso libidinal, algo como uma reserva, que não é usado para fins diretamente sexuais e deve ser, então, de alguma maneira reaproveitado. Haveria, por isso, a possibilidade de uma certa reciclagem dessa energia, através da “dessexualização” do objeto e da inibição de seu fim sexual. Com isso, torna-se possível que o indivíduo se volte para atividades “espiritualmente elevadas”, segundo a expressão usada por Freud. São elas a produção científica, artística, e todas aquelas que promovem um aumento do bem-estar e da qualidade de vida dos homens. O interessante a ser observado, neste aspecto das idéias de Freud, é o fato de tais atividades serem impulsionadas pela libido, embora o objeto visado não seja sexual. Mas, devido à presença da libido, o objeto visado adquire um “colorido terno”, a antiga ânsia sexual ainda se faz presente, só que de modo mais brando, transformada em algo terno, ou simplesmente prazeroso. Um prazer “brando” que, ainda assim e por isso mesmo, justifica a busca e a persistência naquela atividade sublimada.

Como se estabelece ou “funciona” a sublimação? Tome-se, por exemplo, a pulsão parcial anal. No momento em que ela está sendo construída, a criança con-

centra sua atenção em tudo o que diz respeito a essa região de seu corpo. Descobre, então, que há matérias, identificadas a princípio como partes de seu próprio corpo, que dele se desprendem: as fezes. É natural que muitas dessas crianças desejem manipulá-las, coisa que a cultura se apressa em impedir. Caso o desenvolvimento da criança seja bem-sucedido, o que vai ocorrer é um conjunto de movimentos: parte dessa pulsão será reprimida (a criança deixará de manipular fezes), parte irá compor a sexualidade genital (estará presente nas preliminares do ato sexual através do prazer anal) e parte será sublimada. Ou seja, poderá se transformar, por exemplo, na atividade de esculpir em argila. Nesse último movimento, não existe mais objeto sexual, mas apenas um objeto dessexualizado, a argila. Há, contudo, uma energia orientando a atividade, a libido, um prazer a ela correspondente, cuja origem, ou apoio, é a antiga atividade de manipular fezes.

Caso, porém, o desenvolvimento da criança não ocorra de maneira satisfatória, a repressão da pulsão poderá originar uma neurose obsessiva, da qual uma das características pode ser a obsessão por limpeza. Nesse caso, Freud afirma que a pulsão anal seguiu um outro destino, diferente do da sublimação: foi transformada em seu contrário. A mania de limpeza é a mesma pulsão anal, expressa o mesmo desejo de manipular matéria fecal, de “sujar-se com ela”, embora disfarçada, pelo efeito da repressão, em anseio excessivo por limpeza.

Sublimação e educação

O leitor deve estar lembrado do ponto em que o conceito de sublimação foi introduzido: falava-se que o caráter peculiar da pulsão sexual tornava-a passível de sublimação. Como Freud faz uso dessas idéias para pensar a função da Educação, neste exato momento em que surgem suas elaborações sobre a sublimação?

As bases necessárias à sublimação são fornecidas pelas pulsões sexuais parciais e claramente perversas. Portan-

to, uma ação educativa que se propusesse a desenraizar o “mal” em que nasce a criança estaria não só fadada ao fracasso como estaria atacando a fonte de um “bem” futuro. Aqui, como diz Catherine MilLOT, Freud poderia ser aparentemente identificado com o pedagogo clássico, que também via na criança um mal originário, identificado, principalmente entre os educadores religiosos, com o pecado original. Estaria, de outro lado, mas afastado de Rousseau, que apostava em um bem natural subvertido depois pela cultura. Freud deixa de ser identificado com o pedagogo tradicional a partir do momento em que não preconiza o desenraizamento do “mal”, mas propõe a sua utilização, a sua canalização em direção aos valores “superiores”, aos bens culturais, de produção socialmente útil. “Sem perversão”, diz ele, “não há sublimação”. E sem sublimação, não há cultura.

É na medida em que propicia sublimação, como já se disse, que a Educação tem, para Freud, um papel importante. Em um texto de 1913, que versa sobre o interesse educacional da Psicanálise, Freud escreve que os educadores precisam ser informados de que a tentativa de supressão das pulsões parciais não só é inútil como pode gerar efeitos como a neurose. De posse dessa informação, os educadores poderão reduzir a coerção, e dirigir de forma mais proveitosa a energia que move tais pulsões. Um exemplo disso é a importância do educador no processo de transformação da pulsão escópica — a pulsão ligada ao olhar — em curiosidade intelectual — ver o mundo, conhecer idéias —, sendo que tal curiosidade desempenha um papel muito importante no desenvolvimento do desejo de saber.

Freud nunca se preocupou em construir métodos ou criar modos de operação baseados em suas idéias. Esperava que os educadores se encarregassem disso. Mas podemos imaginar, apenas para entender melhor suas idéias, como seriam esses procedimentos. Um educador “psicanaliticamente orientado” poderia, por exemplo, oferecer argila em lugar de permitir que uma criança manipulasse suas fezes. Não se ocuparia, de modo principal, em gritar furiosamente com ela, ameaçando-a com castigos, caso insistisse em “sujar ali as suas mãos”. Convém ressaltar, desde logo, que o exemplo acima, longe de se confundir com uma receita pedagógica, permite mostrar como um educador poderia pensar e agir,

◁ Catherine MILLOT, (33).

Catherine MILLOT é psicanalista francesa e integra a Escola da Causa Freudiana, instituição criada por Jacques Lacan em 1980.

◁ Sigmund FREUD, (10).

Sobre o desejo de saber, ver o capítulo 3 deste livro.

caso concordasse com as idéias de Freud sobre a Educação de crianças.

Na verdade, há um certo costume — e uma grande tentação — de “aconselhar” educadores a agir da forma já descrita quando se olha a Educação com os olhos abertos pela teoria da sexualidade infantil. No entanto, o próprio Freud continuou a martelar uma desconfiança, refletida numa pergunta que nunca o abandonou: Por que, do ponto de vista histórico, a Educação sempre foi tão repressora?

Freud tenta responder a ela dizendo que a hostilidade da civilização, representada por uma Educação seguidamente repressora, é semelhante à defesa que o *eu* infantil levanta tão precocemente contra a pulsão sexual — uma idéia que remete aos primeiros desenvolvimentos freudianos relativos ao conflito psíquico entre o *eu* e a idéia sexual incompatível. Também a civilização, pela via da Educação, exagera, e produz efeitos semelhantes aos que podem ser produzidos pelo *eu* — a neurose. Portanto, conclui Freud, a nossa civilização, que produz uma ação educativa tão exageradamente severa, é *neurótica*.

As razões que levaram Freud a tal conclusão são difíceis de determinar. Nas palavras de Millot, Freud fala de uma vocação da humanidade para a neurose. Com isso, ele escapa a explicações políticas, como as que Reich e Marcuse desenvolveram. Para esses últimos, a repressão sexual é uma das armas mais importantes de que se serve a opressão política, que garante através dela a submissão das massas. A hipótese de uma “vocação neurótica” da humanidade, contudo, descarta a ação política como sendo uma “causa” fundamental da repressão. O máximo que se pode pensar, como faz Millot, é que as classes sociais no poder fazem uso, em benefício próprio, da repressão já instalada por outros meios.

Além disso, a desconfiança diz respeito à possibilidade de a sublimação vir a ser operada, controlada, de fora, pois a sublimação não é, na verdade, um mecanismo ao alcance da consciência. De mais a mais, pensa Freud, excessos não se curam com bons conselhos.

Embora presente, essa desconfiança ainda não impedirá Freud de declarar, em 1908, o seguinte: o educador é aquele que deve buscar, para seu educando, o justo

Wilhelm REICH (1897-1957). Tentou uma síntese do marxismo com a psicanálise e pugnou pela liberação sexual.

Herbert MARCUSE (1898-1979). Crítico da civilização industrial. Suas principais obras são Razão e revolução e Cultura e sociedade.

equilíbrio entre o prazer individual — vale dizer, o prazer inerente à ação das pulsões sexuais — e as necessidades sociais — vale dizer, a repressão e a sublimação dessas pulsões.

A educação sexual das crianças

Por enquanto, a desconfiança de Freud não passa ainda de um esboço, apenas insinuado. No entanto, nessa época em que ele formula as relações entre cultura e sublimação, seu discurso ainda está carregado de otimismo.

Trata-se de uma época em que Freud começa mesmo a ser consultado por seus contemporâneos a respeito da melhor maneira de educar filhos. E a razão principal para isso não se liga à descrição teórica feita por Freud a respeito de como se constitui a sexualidade infantil, mas ao simples fato de ter afirmado a existência de uma sexualidade infantil, algo absolutamente novo em sua época. Hoje em dia estamos até certo ponto habituados a essa idéia. Afinal de contas, não há quem não tenha ouvido falar em complexo de Édipo. Não se pode esquecer, porém, que essa informação circula hoje entre nós graças exatamente à descoberta freudiana.

Há um texto de 1907 que aborda justamente a educação sexual, escrito por Freud em resposta a uma carta de um certo dr. M. Fürst, na qual este lhe pedira que se pronunciasse a respeito. Trata-se do texto “Esclarecimento sexual das crianças”.

A resposta de Freud é muito simples e até óbvia: as crianças devem receber educação sexual assim que demonstrem algum interesse pela questão. Essa resposta é uma decorrência natural do fato de entender que, se já existe na experiência da criança algo de natureza sexual, não há por que negar a ela as informações através das quais poderá dominar, intelectualmente, o que já é conhecido no plano da vivência.

Nesse artigo, talvez seja mais interessante prestar atenção ao que diz Freud a respeito da atitude dos pais

Sobre o complexo de Édipo, ver “Os primórdios da teoria psicanalítica” no capítulo 2 deste livro.

frente à educação sexual. Por que, pergunta ele, é tão comum esconder, com fábulas como a da cegonha, a verdadeira história sobre a origem da criança? Teme-se, talvez — e erradamente —, responde ele, despertar de modo precoce uma sexualidade que só deveria se apresentar na puberdade. Assim, o erro dos educadores e pais repousaria simplesmente em uma ignorância teórica, facilmente solucionável através do esclarecimento de pais e educadores acerca da existência da sexualidade infantil. Era assim que Freud pensava, até com certo entusiasmo, nos primeiros dez anos do século XX.

Mas — e há sempre um *mas* no pensamento de Freud — outra pergunta desconfiada já está sendo formulada nas entrelinhas desse texto aparentemente tão afirmativo e positivo quanto às possibilidades de uma boa educação sexual das crianças. A certa altura, Freud parece estar dizendo, em seu estilo elegante, que já está um tanto cansado de observar, no comportamento dos pais, uma incompetência para esses assuntos. Por isso, ele confessa, delicadamente, preferir que os pais não se ocupem do esclarecimento sexual das crianças. Lança essa afirmação e segue em frente, sem se deter nela.

Em que poderia estar pensando Freud? Talvez a pergunta insidiosa mencionada há pouco já estivesse agindo: por que os pais ignoram a sexualidade infantil, se eles próprios já foram crianças um dia? Talvez não se trate, na verdade, de ignorância, e sim de esquecimento. E se assim for, então não bastará esclarecer os pais, será necessário fazê-los lembrar. Raciocinando como Freud poderia ter raciocinado, percebe-se ser esta uma tarefa bem difícil. Afinal, se houve esquecimento, é porque houve repressão. E há razões para essa repressão, visto que subsistem forças que ainda atuam no sentido de mantê-la. Não é à toa, então, que Freud sugere descartar os pais dessa tarefa, pois provavelmente eles estarão, ainda que de modo involuntário, colocando mais empecilhos do que ajudando.

Eis por que, em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud dirá que as práticas educativas são determinadas pelos recalcamientos sofridos pelo educador, que incidem sobre a parte infantil da sua sexualidade. E por que, em “Múltiplo interesse da Psicanálise”, mais particularmente na seção intitulada “Interesse pedagógi-

co'', ele afirma algo parecido, porém mais sugestivo. "Só pode ser pedagogo aquele que se encontrar capacitado para penetrar na alma infantil'', escreve Freud. "Nós, os adultos, não compreendemos nossa própria infância."

◀ Sigmund FREUD, p. 1866, (10).

1 Sobre essas afirmações, duas observações podem ser feitas. A primeira é que tais afirmações podem bem ser uma das peças para o quebra-cabeça que Freud propõe ao afirmar que a Educação é uma profissão impossível. Veja-se aí o paradoxo entre ser necessário, para bem educar, um contato do educador com sua própria infância, e o fato de ela não nos ser mais acessível. A segunda, retraduzida por Maud Manonni, leva a supor ser necessário que o educador se reconcilie, volte a "ficar de bem'', com a criança que há dentro dele. Como? Bem, a resposta de todo psicanalista costuma ser a mesma: através de uma análise. No entanto, mesmo que não seja essa a saída escolhida pelo educador, é possível perceber, na idéia de uma reconciliação com a criança que nos habita, uma enorme riqueza de possibilidades e de reflexões, sobre as quais nem Freud nem os psicanalistas avançam muito, mas que nem por isso deixa de ser estimulante. Que cada interessado tome a si essa tarefa!

2 Estará, porém, enganado quem pensar que as objeções colocadas pelo próprio Freud ao seu pensamento terminaram. A idéia tão óbvia de que se deve informar sem mais delongas as crianças será questionada em razão daquilo que Freud chamou, em 1908, de teorias sexuais infantis. Segundo ele, as crianças costumam tecer suas próprias explicações a respeito de como nascem os bebês, e essas explicações dependem do momento de desenvolvimento sexual em que se encontram. Ao observar e ouvir crianças, e através da análise dos relatos de seus pacientes adultos, Freud acompanhou a freqüência com que surgiam três tipos de explicações: as crianças nascem pelo ânus da mãe; tanto os homens como as mulheres possuem pênis; e o coito é sempre de natureza agressiva e sádica. Uma dessas explicações predomina em uma determinada época, e é decorrente do momento libidinal pelo qual a criança está passando — a explicação anal surge justamente quando é o ânus a mais privilegiada região do corpo, podendo-se dizer então, ainda que soe um tanto estranho, que a criança pensa com o ânus. Se assim é, de que adianta tentar proporcionar a ela expli-



Freud, em 1909.

cações intelectuais sobre o que se passa de fato? Talvez ela procedesse como os selvagens “civilizados” pela Igreja, como, aliás, ressalta o próprio Freud. Aos olhos de seus colonizadores, aceitaram o deus que lhes foi imposto; às escondidas, porém, continuaram adorando suas antigas divindades!

Não haveria, assim, razão para informar de modo sistemático, como uma espécie de “ato pedagógico programado”, pois se acabaria esbarrando, uma vez mais, no inconsciente. Resta, contudo, uma ética da verdade, um convite aos educadores para jamais esconder, caso isso lhes seja possível, isto é, caso sua própria “posição inconsciente” não os impeça, a verdade sobre a sexualidade.

O SONHO IMPOSSÍVEL: A desilusão de Freud com a Educação

Por que a Educação é impossível?

Até aqui, nota-se que todas as idéias de Freud sobre a Educação, inspiradas pela Psicanálise, são, de certa forma, por ele “desdidas” ou questionadas. O educador deve promover a sublimação, mas sublimação não se promove, por ser inconsciente. Deve-se ilustrar, esclarecer as crianças a respeito da sexualidade, se bem que elas não irão dar ouvidos. O educador deve se reconciliar com a criança que há dentro dele, mas é uma pena que ele tenha se esquecido de como era mesmo essa criança! E a conclusão, ao final de tudo: a Educação é uma profissão impossível.

Já se pode perceber que é, entre outras coisas, com a idéia de **inconsciente** que se está esbarrando o tempo todo. Sem dúvida, a idéia de que existem idéias inconscientes não é uma invenção freudiana. Mas a formulação de um **sistema** chamado inconsciente é freudiana.

Por volta de 1895, quando Freud se defrontava com suas pacientes histéricas, Charcot, como já foi mencionado, afirmava estar em jogo o fenômeno da divisão da consciência. Freud aceitou essa explicação, mas a trabalhou de modo bastante diverso. Se, para Charcot, a divisão da consciência era devida a uma debilidade congênita de algumas mulheres, Freud mostrou que não se tratava de uma disfunção com a qual aquelas pessoas nasciam. Para ele, a divisão da consciência era fruto do conflito de forças psíquicas encontradas no interior do psiquismo, o resultado de uma luta entre o **eu** e impulsos de natureza inconsciente. O modo como se resolvia o conflito, uma espécie de assinatura de um tratado de paz era, entre outras manifestações, o sintoma neurótico. "Aceito que você se manifeste", poderia o **eu** dizer a alguma pulsão, "contanto que você se disfarce". Por exemplo: "Deseja manifestar seu temor ao seu pai? Expresse-o através do temor aos cavalos".

Foi, portanto, através do estudo dos sintomas, que Freud pôde entender melhor o que era esse inconsciente que se manifestava através desses sintomas. E, aos poucos, foi encontrando em outras formações psíquicas não-neuróticas a manifestação do inconsciente, ampliada então para nele caberem também os indivíduos normais. Essas outras manifestações, ao lado dos sintomas, são os sonhos e os atos falhos.

Sobre os sonhos, muito pode ser dito. Mas, para nossos propósitos, vale a pena concentrar a atenção sobre os atos falhos.

Os atos falhos são pequenas manifestações que emergem em nossa fala, às quais não se costuma dar muita importância. Veja-se, por exemplo, o conferencista citado por Freud que, ao invés de iniciar a conferência com "Boa noite", começou dizendo "Até logo". Ou então um esquecimento de um nome que se conhece muito bem, e que em determinada circunstância teima em não



vir à lembrança. Estes pequenos episódios, longe de serem casuais, são sempre significativos, e poderão ser esclarecidos, caso se proceda a uma análise de sua ocorrência. O caso do conferencista é óbvio, ao contrário de outros, que exigem uma análise mais minuciosa. Tudo indica que ele não estava muito disposto a dar a tal conferência, e o ato falho manifestou seu desejo de que ela já tivesse terminado, ao invés de estar apenas começando.

Através de atos falhos, diz Freud, um homem pode revelar seus mais íntimos segredos, “e, se aparecem com facilidade e frequência especiais em indivíduos sãos, que conseguiram realizar com êxito a repressão de suas tendências inconscientes, isto se deve à futilidade, à aparência insignificante com que surgem”. O eu os deixa passar, pois sabe que a essa ocorrência não é dada muita importância.

Dessa forma, os lapsos, assim como os sonhos e os sintomas, são momentos privilegiados de emergência do inconsciente. Através deles, Freud deduziu a sua existência.

Uma das decorrências dos lapsos é a de que se pode pensar que não é apenas no lapso que o inconsciente está presente. Ele está entremeado em nossa linguagem, e a dirige, sem que disso se possa ter conhecimento. Todo indivíduo que abre a boca está, por assim dizer, comprometido com o que diz, num limite que ultrapassa a sua consciência. Alguém que fala pode expressar muito mais do que está procurando dizer. Com essa descoberta, a consciência foi desalojada da posição de comando que vinha ocupando até então na Filosofia.

O que Freud nos apresenta é a idéia de que não somos “senhores em nossa própria casa”, e acrescenta mais uma “ferida narcísica” àquelas anteriormente trazidas por Copérnico e por Darwin: a Terra não é o centro do sistema solar, o homem não é o centro da criação. Agora, a consciência não é o centro de nosso psiquismo, não reina soberana sobre a nossa vontade.

A descoberta do inconsciente não é algo que faça um homem pular de alegria... Como se não bastasse, Freud quis ir além, sempre em busca de respostas para os fenômenos que observava através da fala de seus pacientes. Assim, não recuou diante de uma outra questão, tão complicada, e por que não dizer, tão aterradora quanto,

◁ Sigmund FREUD, p. 1552, (8).

Muitos consideram Nietzsche, que enfatizou como ninguém a importância do inconsciente, como o filósofo que mais se aproxima de Freud, e, de certa forma, como precursor da Psicanálise.

a do inconsciente, que já vinha havia muito tempo ocupando seus pensamentos.

PULSÃO DE MORTE

Existe algo “monstruoso” que habita as nossas entranhas, algo que põe em xeque os valores de uma sociedade laboriosamente construída sobre os fundamentos de uma moral que privilegia os bens espirituais, os pensamentos elevados, as idéias “puras”. Esse monstro, sempre intuído por Freud e chamado, em 1920, de **pulsão de morte**, contrapunha-se ao princípio do prazer, princípio do funcionamento psíquico ao qual ele sempre atribuiu importância fundamental.

Para acompanhar a gênese da noção de pulsão de morte, será necessário abordar mais detidamente aquilo que Freud entendia serem o princípio do prazer e o princípio da realidade.

O princípio do prazer é um dos dois princípios que regem, segundo Freud, o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar prazer. (p. 466).

O princípio da realidade é o segundo princípio que rege o funcionamento mental. Forma par com o princípio do prazer, e modifica-o, na medida em que consegue impor-se como princípio regulador. (p. 470).

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. Vocabulário da psicanálise. Lisboa, Moraes Editores, 1970.

A idéia de que o aparelho psíquico se organiza sempre de modo a obter prazer pode parecer estranha quando é gerada por um pensador como Freud, ocupado em compreender o funcionamento das doenças mentais. Como entender, por exemplo, a “fabricação” de sintomas, que freqüentemente causam sofrimento e, portanto, desprazer? É fácil entender esse aparente paradoxo, lançando mão de um exemplo simples. Uma pessoa que esteja sentindo frio poderá fazer uso de dois recursos: buscar uma vestimenta qualquer que a agasalhe, ou aproximar-se de uma fogueira. Nas duas situações, o alvo buscado — aquecer-se — será atingido. Mas a segunda pode trazer também um enorme prejuízo, caso a pessoa se aproxime demais do fogo e se deixe queimar: é nessa segunda categoria que se encaixa, analogamente, a loucura, que traz uma espécie de “destruição”, mas fornece paralelamente uma forma de benefício secundário: o indivíduo se aquece, ainda que acabe por se queimar — consegue evitar o sofrimento psíquico, embora destrua radicalmente a conexão com a realidade. O jogo está em determinar qual o mal menor, em que situação o desprazer será menos intenso. No caso do sistema neurótico, o indivíduo terá se aproximado da fogueira a ponto de se chamuscar nela, mas não estará destruído, e acabará por se aquecer, no final das contas.

Toda a teoria de Freud repousou, durante muito tempo, mais precisamente até 1920, na idéia de que o aparelho psíquico está “programado” para buscar o prazer, o bem-estar, ou então, no caso do sintoma, para obter o desprazer menor.

Se o fim é, não importa por que meios — o agasalho ou a fogueira — o prazer, então por que razão as pessoas corriqueiramente não se jogam em fogueiras para se aquecer? Naturalmente, porque ao princípio do prazer opõe-se o princípio da realidade, que regula, administra e dirige a busca do prazer, já que essa busca costuma ser cega. O princípio da realidade funciona como uma ligação do indivíduo com a realidade e seus perigos. Limita a atividade puramente pulsional, não permite que o indivíduo se destrua, pondera com ele sobre os melhores meios de obtenção do prazer, considerando as limitações que a realidade lhe impõe: oferece-lhe o casaco, nos termos do exemplo anterior. Ou o sintoma, se o casaco não estiver disponível. Falava-se, no item sobre o inconsciente, da existência permanente de um conflito entre o eu e uma idéia incompatível com ele. Com base nos dois princípios de funcionamento psíquico, o princípio do prazer e o princípio da realidade, pode-se falar agora da existência de um conflito entre o eu, dirigido pelo princípio da realidade, e de idéias incompatíveis com ele, dirigidas e comandadas pelo princípio do prazer. Dito ainda de uma outra forma, trata-se do conflito entre as pulsões de conservação — comandadas pelo eu — e as pulsões sexuais — comandadas pelo princípio do prazer. Do lado das pulsões de autoconservação, ou pulsões do eu, ficam as funções indispensáveis à conservação do indivíduo. Do lado das pulsões sexuais, ficam aquelas que, originadas nas pulsões do eu, delas se destacam, como é o caso da pulsão oral, que não busca mais o alimento como objeto, podendo estar presente nas preliminares do ato sexual, ou levando um sujeito a gostar imensamente de falar, por causa do uso sublimado da boca.

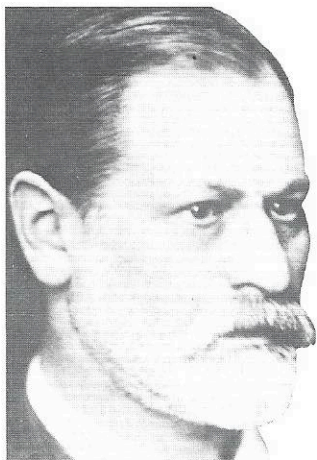
A teoria freudiana busca sempre dois princípios que se opõem, lutam e movimentam com isso o desenvolvimento do indivíduo. Para frente ou para trás, é o conflito e o movimento dele resultante que fazem o indivíduo sair do lugar. Caso contrário, estaria fadado à permanência e à imutabilidade.

O sintoma é também uma forma de “escolher” o menor desprazer. Um indivíduo que se tranca em casa por ter medo de cachorros, por exemplo, está sofrendo uma restrição de movimentos, e portanto um desprazer, mas estará evitando o desprazer ainda maior de se defrontar com o animal temido.

Ao instituir um nome para as forças em luta — pulsões de autoconservação e pulsões sexuais — e os princípios de seu funcionamento — princípio da realidade e princípio do prazer —, Freud montou aquilo que foi chamado de dualidade pulsional, base do edifício sobre o qual ele pensava estar erigido o aparelho psíquico.

Com a dualidade pulsional, Freud pensou que estava resolvendo, entre outros problemas, o da origem do desprazer.

O problema do desprazer



Freud, em torno de 1912.

O leitor que nos acompanhou até aqui talvez esteja lembrado da suspeita de Freud sobre o fato de existir, **no interior da própria sexualidade**, uma fonte de desprazer. Talvez se lembre também das especulações de que Freud lançou mão para explicar as origens desse desprazer — a passagem para a posição bípede, na aurora da humanidade.

Pois bem, essa suspeita nunca o abandonou. Com a dualidade pulsional, ele passou a supor que o desprazer emanava do conflito entre as forças em oposição — as pulsões sexuais *versus* as pulsões de autoconservação. O desprazer, portanto, não era *inerente* às pulsões sexuais, mas sim o efeito residual da luta entre as pulsões.

Ao observar, finalmente, uma classe de fenômenos que o princípio do desprazer pelo conflito não explica, Freud foi obrigado a reformular o que havia pensado até então.

Os feridos de guerra sonham repetidamente com situações desprazerosas por eles vividas... O neurótico repete sem cansar atos que lhe causam sofrimento, e que nem por isso são abandonados... Há algo no psiquismo que escapa ao princípio do prazer: a **repetição**.

Desde o princípio de seu trabalho, Freud teve que se confrontar com os fenômenos de repetição. Alguns sintomas, por exemplo, são claramente repetitivos, ou seja, baseiam-se na necessidade que certas pessoas exibem de agir compulsivamente de modo igual e permanente. É o

caso de alguns rituais obsessivos: uma mulher se vê compelida a abrir e fechar sua bolsa, sem qualquer razão aparente, e o faz repetidamente até a exaustão. Um homem jamais sai de casa antes de deixar determinados objetos em lugares precisamente prefixados por ele.

Tais experiências repetidas são claramente desagradáveis, e Freud não conseguia entender como o indivíduo podia encontrar prazer em seu permanente exercício.

Nos fenômenos de repetição, Freud entreviu a ação de uma força irreprimível, independente do princípio do prazer e até mesmo oposta a ele, sem contudo ser aliada do princípio de realidade.

Essa força tem um caráter sobretudo mortal. Pois, contrariamente à ação do conflito, que movimenta o indivíduo, a ação da repetição fixa, homogeneiza, torna as coisas permanentes e imutáveis e barra o caminho ao desenvolvimento. Ou seja, encena, de certo modo, a morte, lugar por excelência da ausência de movimento, lembrando com isso seu parentesco com ela.

A repetição mostrou a Freud a “face da morte” em plena ação entre as forças que atuam sobre a vida de um indivíduo.

A presença da morte na vida, era esse o tema que Freud estava estudando, em 1920, quando publicou *Além do princípio do prazer*.

Nesse texto, ele afirma existir em todo ser vivo uma tendência para retornar ao estado inorgânico, pois a vida surgiu do não-vivo. Há algo no homem que anseia voltar ao estado inanimado de que a vida o arrancou.

A essa força, cuja face foi entrevista na repetição, e que busca arrancar o homem da vida, fazendo-o retornar ao lugar de onde veio, Freud chamou de pulsão de morte.

É tão grande a importância desse novo conceito que Freud é levado a formular a dualidade pulsional em novas bases. Agora, a luta no interior do psiquismo não se dá mais entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Freud reúne ambas de um só lado: elas agem a serviço da vida, de Eros, e combatem lado a lado, já que, em última análise, ambas estão interessadas na conservação, seja do indivíduo, seja da espécie. Seu inimigo é, na verdade, a pulsão de morte, interessada em reconduzir o

indivíduo a um estado onde não existe nem a preocupação com a sobrevivência individual, nem com a constante necessidade de renovação da espécie. Nesse estado, tudo jaz em perfeita estabilidade, nada se movimenta, a matéria está inerte — como na morte.

Uma descrição literária dessa luta entre as pulsões de vida e a pulsão de morte pode ajudar a entender o fenômeno observado por Freud. Em *Os Buddenbrook*, Thomas Mann narra, em uma página magistral, a morte de uma de suas personagens, Hanno Buddenbrook. Hanno morreu de tifo, e eis a explicação que Mann constrói para essa morte: “Casos de tifo costumam ocorrer da seguinte maneira: aos distantes sonhos febris, ao abandono ardente do enfermo, chega a chamada da vida, em voz inconfundível e animadora. No caminho estranho e quente pelo qual ele passeia e que o conduz para a sombra, a frescura e a paz, o espírito será alcançado por essa voz dura e vigorosa. Escutando atentamente, o homem ouvirá esse brado claro, alegre e um pouco zombador que o exorta a voltar e regressar, brado que lhe vem de um país que deixara tão longe, para trás, e quase já esquecera. Se então se levantar nele uma como que percepção de sua covarde falta ao dever, envergonhando-o, criando nele energia renovada, coragem e alegria, amor e solidariedade com o formigueiro cínico, variegado e brutal a que voltou as costas, por mais longe que se tenha desviado no atalho estranho e quente, ele há de regressar e viver. Mas se se sobressaltar de medo, e antipatia, ao som da voz que ouvir, essa recordação, esse som folgazão e provocador, terá como resultado um meneio da cabeça e um gesto negativo do braço, e precipitar-se à para a frente, no caminho que se lhe abriu para a fuga... e então, não há dúvida, terá de morrer”.

A idéia de um monstro estranho, cuja existência era atestada até então através das manifestações inconscientes, ganha maior vigor com a introdução da noção da pulsão de morte. A experiência psicanalítica levou Freud a testemunhar no comportamento humano “algo de estranho, aberrante, paradoxal em relação ao seu ser biológico, em relação ao fato de que o homem é um ser vivo — algo de que só se pode dar conta quando se faz apelo a uma ordem de determinações que se situa fora daquilo que determina o vivo: um lugar além da vida”.



Thomas MANN, p. 536, (25). ▷



Thomas Mann, escritor com quem Freud manteve correspondência e de quem era leitor assíduo.



Catherine MILLOT, p. 102, (33). ▷



Consequências para o pensamento de um educador? Já se pode imaginar. Como educar, fazer alguém crescer e ter fé na vida, no conhecimento, no deus Logos, na razão, enfim, à luz de uma teoria como essa a que chegou a Psicanálise? Como fazer uso de um princípio que levou Freud a pensar que nosso primeiro dever de viventes é tornar a vida suportável — e apenas esse? Como criar um sistema pedagógico a partir de afirmações freudianas como as que se seguem?

“Não seria melhor dar à morte, na realidade e em nossos pensamentos, o lugar que lhe cabe e deixar voltar à superfície nossa atitude inconsciente frente à morte, que até agora reprimimos tão cuidadosamente? Isto não parece constituir um progresso, e parece mais, em certos aspectos, um retrocesso; mas oferece a vantagem de se levar mais em conta a verdade de tornar novamente a vida mais suportável [...] *Si vis vitam, para mortem*. (Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte.)”

◁ Sigmund FREUD, p. 2117, (13).

As realidades do inconsciente e da pulsão da morte, como diz Millot, não casam bem com os ideais de promoção de bem-estar e de felicidade próprios da Educação.

Essa afirmação poderia ser rebatida lançando-se mão de raciocínio diverso e de uma outra concepção de Educação. Não seria possível, talvez, imaginar uma filosofia educacional que leve em conta a dialética da vida que emana do pensamento de Freud? Não se poderia ter em mente que a repetição leva à morte, o que exortaria o educador a renovar e a privilegiar o conflito como fonte de vida — vale dizer, de Educação?

Sem dúvida, tais idéias podem inspirar a ação de um educador. Contudo, o que não pode ser esquecido é a idéia de que tais forças, presentes no interior do psiquismo, escapam ao controle dos seres humanos e, portanto, ao controle do educador.

Por que não dizer então que a tarefa de educar se vê apenas **dificultada** pela ação do inconsciente? Por que Freud julgou necessário ir além, afirmando que a Educação, bem como a Política e a Psicanálise, são tarefas **impossíveis**?

A razão dessa afirmação reside sobretudo em um paradoxo intransponível que a Psicanálise criou ao trazer à luz todos esses fenômenos. A Educação exerce seu poder

através da palavra. Seus esforços concentram-se na tentativa de estimular, pelo discurso dirigido à consciência, os indivíduos a se conduzirem em uma direção por ela própria determinada. Da palavra, essa disciplina extrai seu poder de convencimento e de submissão do ouvinte a ela. A retórica, entendida como a instituição de leis orientadoras para a construção de um discurso, não aspira senão ao aumento desse poder de convencimento, característico da palavra.

No entanto, a realidade do inconsciente ensina, como já foi dito, que a palavra escapa ao falante. Ao falar, um político ou um educador estará também fadado a se perder, a revelar-se, a ir na direção contrária àquela que seu eu havia determinado. A palavra com a qual esperava submeter, acaba, na verdade, por submetê-lo à realidade de seu próprio desejo inconsciente.

Aí está o paradoxo. A palavra, ensina a Psicanálise, é ao mesmo tempo lugar de poder e submissão; de força e de fraqueza; de controle e de descontrole. Como então construir um edifício educacional sobre uma base paradoxal, incoerente?

Impossível não é sinônimo de *irrealizável*, mas indica principalmente a idéia de algo que não pode ser jamais integralmente alcançado: o domínio, a direção e o controle que estão na base de qualquer sistema pedagógico.

A viagem ao país das formulações de Freud termina aqui, com uma conclusão, ao que tudo indica, decepcionante: a. Psicanálise não serve como fundamento para uma pedagogia; não pode servir como princípio organizador de um sistema ou de uma metodologia educacional.

Haveria, porém, outro modo de a Psicanálise contribuir para um educador? Descartada a contribuição mais sistemática, restaria ainda alguma coisa? Afinal de contas, Freud não afirmava, em 1925, que “a relação entre a Educação e o tratamento psicanalítico seguramente será submetida, em um futuro não distante, a minuciosos estudos”?

De fato, isso aconteceu. Depois da morte de Freud, não faltaram teóricos e educadores que se lançaram à empreitada. E que, na maioria das vezes, fracassaram.

Não se deve, contudo, perder as esperanças — nem a paciência...

